A *outsider* e o sistema literário

Gustavo Tanus Cesário de Souza[1]

A Mestra Fernanda Rodrigues de Figueiredo.

O teórico da literatura em meio à papelada tenta bater outro teórico da literatura, e parte.
O crítico, voltado para si, reproduz um pensamento sobre outras críticas, enquanto pensa ter esquecido o quê mesmo ele teria que fazer, e chega.
O historiador, esse sim, fica mudo, estático, pois acredita já ter dito tudo. Ele nem vai, nem fica. Está lá. Ainda.
Enquanto isso, a leitora,
crítica
da teoria,
da crítica,
da história,
de prosa e poesia,
da vida,
que, professora, ora,
essa mesma,
rara,
escassa;
impedida,
sub-
jugada,
subestimada,
primeiro, paralisa-se.
Tática, prática,
de vitória-régia;
vida estratégia de planta aquática,
lodo do fundo,
beleza, apoio,
para a contemplação
do mundo,
da lua,
ou do sol,
as condições,
em decisão de como agir.

[1] Poeta. Doutorando em Estudos da Linguagem / Leitura do Texto Literário e Ensino (UFRN).Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada / UFMG, tendo atuado na Formação Intercultural de Educadores Indígenas (Faculdade de Educação/UFMG).Pesquisador e integrante da comissão editorial do **literafro**, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/Faculdade de Letras/UFMG).Cofundador e pesquisador do **Moviola** – grupo de pesquisas intersemióticas/intermídias: travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas.

Retoma caminhada, toma o texto, pesa-lhe outros contextos.
Para, chega, muda o ritmo, respira.
Transpira.
Dizem que pira, mas não,
que isso é parte de um sexismo.
Pira, no caso, mais seria fogo que acende,
e está aceso com o conhecimento,
com a sabedoria,
que no diálogo
ascende,
se atira.

Neste instante, um universo se mostra:
toda gente ali,
uma grande requintada reunião em comemoração
às tessituras,
sem presença
de suas tecelãs,
das tessituras,
as verdadeiras artistas.

Roupa de gala,
fraque,
gravata borboleta,
vestido longo
de cetim,
todos galados,
não voam, como creem;
nem se arrastam, como temem.
Estão automáticos,
para comemorar quem parte
e não chega,
quem chegou sem ter partido,
e quem não vai nem vem;
a nem.
Comemoram a burocracia.
Estouram-se generosamente champanhas francesas,
e graças às normas
que permanecem esplendidas.

A leitora invade essa festa.
Intrusa,
atravessa
o salão
em pé
de dança.
Aproxima-se dos ditos entendidos e cumprimenta-os,
cui-da-do-sa-men-te.
A cada um,

teóricos,
críticos,
historiadores,
lhes dando um abraço
verdadeiro,
porque ela é assim,
desse jeito.
Naive, diriam;
ela os questiona:
— Não devíamos pensar
o porquê de todos esses eventos sociais,
ao invés
de festejar o apuro do festejo?
Faltam pessoas, não?
Com a presença de todos,
ilusão?, desejo de inclusão?,
isso não só como discussão vazia,
como daqui fazem.
Mas que seja, de fato, o evento,
e cada movimento,
com todo o pessoal.

Os grandes se entreolham de novo, e
como se fosse a primeira vez,
que sempre será!, porque não se interessam no que não reflete de si mesmo,
sorridentemente se reapresentam uns aos outros:
— Oi, prazer, próprio. Qual é a sua graça?
— Nunca haverá graça,
quando os grandes
se brindam parças
que estão só
pelas cheias das taças,
de comemorar a sobrevida
da desgraça de vida dos outros. Pensa gritando, a professora,
antes do grito pensante.
E grandes,
eles só se apresentam,
em *looping* infinito,
com algumas tantas variações,
controladas carcaças, e se perguntam:
— Oi, prazer, mesmo. Qual é a sua graça?
— É mesmo um prazer. Oi, qual é a sua graça?
E pensam,
viva!,
de você, outra,
qual sua desgraça.

Recebido no 1º semestre de 2022.
Aceito no 1º semestre de 2023.